This interview was carried out during research with the Núcleo de Direitos Humanos (Human Rights Group) of the Defensoria Pública do Pará (Public Defender’s Office of the State of Pará). The institutional mission of the Defensoria Pública is to provide free legal assistance to those who need it, with the aim of generating reconciliation and protecting human rights. In Pará, the office works mainly for the indigenous population around issues of land and identity.

The interview was with a female indigenous activist and was carried out by Luciane Rocha in 2017.

**LUCIANE:**

Você me dá permissão para gravar?

**XXXX:**

Sim.

**LUCIANE:**

Você poderia contar um pouco sobre você, sua infância como foi, sua formação.

**XXXX:**

Bom, eu nasci em São Luís do Maranhão, em 18 de outubro de 1991. Eu sou indígena, não é, neta de XXXX. Sou também da etnia Guajajara. Eu, com um ano de idade, me mudei do Maranhão, com meus pais, e fui morar em Paragominas, que é um local próximo aqui de Belém. Lá, passei uma parte da minha infância, morando em um local bem interior mesmo. Casa de madeira, na frente da casa era como se fosse a minha aldeia. Não pude ficar no Maranhão por motivos que a minha mãe teve que voltar para Paragominas, para o local onde a família dela mora, não é? Para ficar perto mais da família, não é? Então, a minha mãe ela é branca, e o meu pai é indígena. não é? E até uns 8 anos, 9 anos, eu morei lá, em Pragominas, e depois o meu tipo, que mora em Marabá, convidou a gente para ir para a aldeia que fica lá em Tupiranga, não é? Que ele é cacique de lá. O nome dele é João Guajajara. Bom, eu fiquei lá em Marabá desde uns mais ou menos uns 2 anos, um ano e pouco. E de lá já com uns 14 anos eu vim aqui para Belém para estudar, não é? Eu queria concluir os meus estudos e futuramente fazer uma faculdade. Então, eu terminei o meu ensino médio aqui, já moro há bastante anos aqui em Belém, e no período de 2009 eu também participei de movimentos estudantis, é, da questão da UPES, que é a questão … dos estudantes, não é? Fui militante também nessa luta, pelo direito dos estudantes. até hoje eu participo mas, já não com tanta frequência. E também foi quando teve a aprovação, não é, com a nossa luta da carteira intermunicipal, que é para os estudantes que moram longe, para ter direito de vir com mais facilidade, em questão a passagem de ônibus.

É, depois, prestei vestibular, consegui pelo financiamento estudantil, que é o FIES. E, hoje, eu faço administração em uma Faculdade, não é, consegui pelo FIES, a SMAC, que fica na cidade Nova. Eu também sou empresária, do ramo de sapatos, sou empresária do ramo de sapatos. E também trabalho em uma empresa privada como assistente de departamento de pessoal. E também participo, claro, de movimentos que lutam pelo direito do indígena. Sempre estou junto pelo direito do estudante. E eu procuro sempre estar na ativa. E eu tenho 26 anos.

**LUCIANE:**

Muito bem. E como que foi a sua.. Você se identifica como indígena, certo? O que que te faz ser uma indígena?

**XXXX:**

Bom, desde de criança eu tive contato com a minha avó. a minha avó foi aquela indígena mesmo que morou quase toda a vida dela dentro da aldeia. Então, desde de criança ela foi ensianando a questão do idioma, não é, o tupi, Tupi Guarani. E ela foi passando tudo, todas as informações. Tipo, a gente, ensinando a alimentação, comida, comiraquere, tudo ela foi ensinando como questão do nosso idioma. Apesar da gente estar longe do maranhão. Que a aldeia lá no Maranhão em Cana Brava, antiga Criolia que teve uma briga há muitos anos atrás, 1800 alguma coisa assim, com os padres. A história que a minha avó conta, dessa situação, se vocês pesquisarem mais um pouco, o que acontece: os padres foram lá para a aldeia, que era a nossa aldeia, para poder, como eu posso dizer, tentar ajudar de alguma forma. Só que o que aconteceu. As crianças estavam nascendo e eles levaram para, como é que fala, eles criaram… É como um abrigo das índias, os filhos recém nascidos, e levando para lá ainda muito bebezinho. O que aconteceu. Isso a minha avó conta, não é. Os índios ficaram revoltados, e eles invadiram tudo lá, e quebraram e houve muita morte. Porque as índias estavam morrendo porque os peitos estavam empedrando, por causa do leite. Então foi por causa dessa situação que houve essa briga agora lá.. há muitos anos atrás na aldeia Criolina. uma olhada nessa história que é interessante. A briga foi com os padres. Resistência para sobrevivência.

**LUCIANE:**

Sim, sim. importante. Então, você aprendeu a língua, sobre os alimentos…

**XXXX:**

é, todas as culturas. Apesar deu estar morando na cidade, não é, aqui a gente tem parente de outras etnias. Então, de vez em quando a gente se reúne, assa um peixe, toma um açaí, e conversa cada um das suas situações que passa no dia a dia, não é. Tipo aquelas colegas minhas. Uma é Tembé, outra é do Marajó de uma comunidade tradicional, não é, a Carla. É, tem gente também Caiapó que vem. Aqui, agora os Guarajajaras tem só em itupiramba. Agora, aqui em Belém tem, se não me engano, só tem uma parente. Mas ela vive mais para aldeia do Esposo dela, que ele é gavião.

**LUCIANE:**

Entendi. Conta um pouco para mim sobre os Guajajaras.

**XXXX:**

Bom, os Guajajaras, o que eu posso te dizer. Eles sempre lutam pela terra, não é. Lá no Maranhão a terra é enorme, enorme. E eu acredito que a vida do Guajajara, como qualquer outro indígena, é viver em comunidade. Não individualismo como a gente vive na cidade, não é? Eles sempre pensam na terra, pensam an pesca, e cuidar da natureza, não é. E, eu acredito que a gente tem isso dentro da gente, que é a questão da natureza. Que é amar a nossa terra, amar o local que a gente vive, e viver em comunidade. A gente se preocupa muito se o outro colega tem o que comer, se o outro não tem, então isso a gente traz de dentro da aldeia, de viver em comunidade. Aqui, por exemplo, a gente tem o grupo de várias etnias. Por exemplo, quando um está com algum problema, eu não sou da mesma etnia que ela, mas eu vou lá e ajudo a resolver o problema dela. Então, a gente se une e vai ajudar a resolver o problema do outro. Então, acredito que seja isso. Viver em comunidade, entendeu?

**LUCIANE:**

E você. como que foi para você viver na aldeia tendo mãe branca e pai indígena? você vivenciou algum conflito, algum tipo de preconceito em relação a isso dentro da aldeia?

**XXXX:**

Bom, eu vim de lá, do Maranhão eu vim com 1 ano. Marabá eu estava um pouco mais mocinha. Bom, a minha mãe conta que ela foi muito bem acolhida por eles, porque a minha avó, ela era tipo uma anciã dentro da aldeia, não é? Então, ela tinha respeito, todo mundo era respeitado, e era tudo questão de família. Então, minha mãe conta que ela foi muito bem acolhida. A questão ela escolheu viver com meu pai lá na aldeia, não é? Só que ela teve que largar a vida dela na cidade, para viver como meu pai vivia lá. Que era pescar, fazer farinha. Tipo, viver da forma que eles viviam, não é? Tipo, ela até aprendeu a falar também um pouco do idioma por estar vivendo lá dentro. Então, pelo o que eu sei da história, ela falou que foi muito bem acolhida pela família dela. é isso.

**LUCIANE:**

Quando você sai, veste na cidade a sua identidade indígena, a sua identidade foi questionada na cidade?

**XXXX:**

É, a gente sofre… Na verdade, quando, nas escolas mesmo, a gente, os professores acham bastante interessante. Gente indígena e tal, tudo. Mas, como a minha mãe era branca, eu não tive tanta dificuldade na questão do ensino médio, fundamental, porque ela sabia como resolver as coisas. Meu pai que já foi criado na aldeia. E, agora na faculdade eu tive bastante mais dificuldade. Mas só tive dificuldade porque eu cheguei a me inscrever para o vestibular indígena, só que é muita burocracia. É muita papelada. Quem vai resolver essa papelada para a gente? Não tem ninguém que tenha uma qualificação ou que trabalhe para o órgão que vá nos ajudar. Que a documentação que é para o indígena, é a mesma coisa que é para o branco. Aí, você pode perder a vaga, pode acontecer uma série de coisas. Entendeu? Eu lembro quando eu vim morar aqui, quando eu estava fazendo fundamental ou era Médio, eu me perdi umas três vezes indo para a Federal. Acho que era na época do vestibular. Eu me perdi umas três vezes. E aí, eu liguei para a Funai para poderem me buscar. Acho que foram as únicas vezes que eu precisei lidar com eles. Eu era muito novinha, tinha uns treze, 14 anos. Aí eu já estava fazendo, na época, o pise, que é o vestibular que tem também. Eu me lembro eu fui para UFPA e me perdi, não sabia voltar. Eu não sabia andar nada aqui ainda. Eu tinha vindo de Marabá. Então, é bastante, a gente sofre bastante essa questão de acolhimento. Outra coisa foi que eu sofri preconceito quando eu fui tirar o meu documento de identidade, que quando fizeram a minha identidade, eu não sei, eu fui com o órgão, a Funage, e junto com o órgão é a polícia civil, eu fui tirar o meu documento e , simplesmente, não colocaram o meu sobrenome. que é Guajajra, nome da minha etnia. Então, eu sofri esse preconceito de que, o rapaz falou assim : para quê que índio precisa de documento? Entendeu, por que ele precisa? A minha mãe pegou e deu uma resposta para ele. Não é? Ela exigiu que colocasse o meu sobrenome. Porque é o nome do pai dela, e ela tem pai. Não é? Então, eu acredito que isso foi um preconceito comigo. Como se a gente não precisasse da questão de documento. Então é bem difícil.

**LUCIANE:**

Como que você avalia a situação das políticas… Você participa de movimentos sociais, não é? Fala um pouco para mim do movimentos primeiro.

**XXXX:**

Bom, hoje em dia, na questão dos nossos movimentos, é mais a gente trabalha no acolhimento do indígena. Tem gente que vem para se tratar da questão de doenças, não é? Ou então, quando eles vem, eles não tem, como que eu posso te dizer, estrutura financeira. eles vem e pronto. não tem estrutura financeira. Aí, a gente se reúne, não é, eu com outros parentes, ou então os outros parentes mesmo quando chegam acolhem, levam para a casa deles. A gente procura a questão de ajudar, às vezes até em forma assim, como eu posso dizer, alimentação, calçados, essas formas ainda a gente está em construção agora. A gente está em construção. A gente tem até uma reunião amanhã, não é, para saber como que a gente vai trabalhar isso, não é. Porque eles vêm para cá para se tratar, médico, tudo, e não tem nenhum acolhimento. Não tem nenhum acolhimento. Eu acho que é falta de interesse dos órgãos. Falta de interesse dos órgãos e pessoas mais preparadas. Porque assim, só quem entende o outro indígena é aquele que está vivenciando a situação. Entendeu? E muita das vezes as pessoas que passam nos concursos, entendeu, não tem uma vivência com o indígena, e aí, tratam de maneira indiferente.

**LUCIANE:**

A pessoa geralmente que entende …. se dedicar ao concurso, passa, mas não conhece a realidade.

**XXXX:**

Não conhece a realidade, eu acho isso um erro, porque tinha que, pelo menos, ter uma porcentagem para pessoas que já vivenciam a situação, não é? ?Tipo, já trabalharam com os povos indígenas, e o que eu posso dizer? Que já tenham mesmo vivenciado. Porque quem nunca vivenciou não sabe o que é a dor de que o outro passa, não é? Eu não acho que deveria ser um concurso qualquer como os outros concursos. Deveria ser diversificado, entendeu?

**LUCIANE:**

Então as questões principais de dificuldade .. é a questão do acolhimento;...

**XXXX:**

Do acolhimento, tipo, as Universidades não estão preparadas para recebê-los, os professores não estão preparados para recebê-los. Tem uns que não falam português muito bem, entendeu? E aí? Então, eu acredito que deveria ter, deveria ser um projeto, trabalhar em cima desse acolhimento, em cada localidade, não é? Tipo, criar um pólo que tivesse esse professor que falasse também um pouco da língua daquela região. Porque assim, a FUNAI aqui de Belém atende certas demandas de aldeias, assim como em Marabá e outras cidades, não é? Então, deveria ter tipo um intérprete.

[…]

Deveria ter um intérprete e deveria ter alguém que explicasse como é o funcionamento da instituição, da universidade, não é? Explicar como funciona. Então, eu acredito que seria alguém, tipo como um pai ou uma mãe, esse local. Porque ele ia receber o indígena que vem para estudar. ia explicar como funciona, aonde que ele fica, para ele poder estudar em paz. não é? Poder estudar em paz. Não que ele fica desesperado, tentando achar documentação dali, daqui. Entendeu? E sofrendo mais do que uma pessoa que já mora aqui. Não é? Já basta o preconceito que sofre por ser indígena, ainda toda a burocracia que tem. os órgãos. Tem a dificuldade de apoio.

**LUCIANE:**

Quais são os principais preconceitos que os indígenas sofrem na cidade?

**XXXX:**

Eles sofrem… Ah, roupa, fala, comportamento, como eu posso dizer? Questão da pintura, não é? Até na questão de uma tolerância religiosa. Porque, sei lá, tem gente que acha que porque se pinta, sei lá, não consigo imaginar o tamanho das coisas que eles pensam, não é? Da pintura, da fala, eu acredito que é quase de tudo. Essa questão do preconceito.

**LUCIANE:**

Qual a importância da pintura para vocês? Qual o significado? os vários, eu imagino que tenha vários…

**XXXX:**

É.. a vez a pessoa se pinta porque está feliz. Quer pintar, assim, feliz. Criatividade… mas eu falo para as meninas pintar. [risos]

Criação, criatividade dos desenhos, não é, tipo, por exemplo uma planta. Eu quero demonstrar que eu gosto dela, e eu vou pintar, criar um modelo que pareça. Cobra, a maioria das coisas que o indígena pinta tem o significado da natureza. Depende da sua criatividade, felicidade. Eu tenho uma colega que ela se pinta, quando ela não está bem, a pintura saí. é, a carla. Ela pinta, quando ela não está bem, não fica. Não fica. Eu acho muita graça. Não é? Então, é essa a questão do Geripapo, Cururuca do Urucum também a gente passa. Mas ele sai mais rápido. na questão do Genipapo, aquela pintura escura, ela já demora de 10 a 15 dias, também demora.

**LUCIANE:**

Entendi. É, quais sãos outras características da cultura indígena? Quais … que é possível vocês manterem na cidade?

**XXXX:**

Alimentação, peixe, não é. Aqui, como aqui em Belém é um lugar que tem bastante igarapé, tem também viajar aqui por perto, viajar para os igarapés, conversar com os outros parentes, se reunir, está ali conversando. A gente se reúne para comer que eu acho. Para conversar, também, algumas formas de ajudar os outros parentes. Então a gente mantém também têm isso. E até mesmo a gente tem grupos, não é, whatsapp, qe a gente conversa entre nós. E, eu acredito que seja isso mesmo, a questão de comunidade. Coisas que… Porque eles pensam que a gente não, com que diz, não vive mais daquela forma. E a gente vive. A gente saí, se reúne, vai para o igarapé, come peixe, e conversa bastante. Entendeu?

**LUCIANE:**

E é uma maneira, também, de trabalhar a espiritualidade?

**XXXX:**

Sim, sim. é. Porque, em anderu, que chama tupã, outros chama de Tupã, anderu, não é, é deus. Deus, para gente, Deus é a nossa natureza. Que ele criou todas as coisas para a gente viver bem nessa terra. Então a gente tem tudo. Tudo o que a gente precisa, não é? Mais é a questão do alimento. Então, como está ficando essa questão de desmatamento, destruindo tudo. A gente sofre muito, porque o mundo está ficando industrializado, totalmente, e a nossa Amazônia aí, não sei, muitos querendo brigar por ela. não é? a gente não sabe até quando vai conseguir se manter. Então, está vindo a construção de muitos prédios, muitas ferrovias, barragens. Tantas coisas que vão destruindo a natureza, daqui a pouco, em um futuro bem próximo, não saberemos se vai existir a plantação, a natureza. E isso é uma grande preocupação.

**LUCIANE:**  
Como que você vê o cenário atual com relação aos direitos indígenas?

**XXXX:**

Eu acho que é escasso. Porque acredito que precisaria ser feito uma reforma. Por exemplo, a gente, a Terra, o que está em cima é nosso, o que está embaixo é da União, não é? Então, hoje em dia se eles precisarem tirar, e quiser construir qualquer outra coisa dentro das Terra, de alguma forma eles tiram, não é? E, eu acredito que seja, que essa Terra que a gente tem não tem, não é? Porque acredito, o indígena ele protege a Terra, mas a gente não é protegido da questão, das leis do Governo não é? Então, é difícil de saber do futuro, saber como é que vai ser.

**LUCIANE:**

Certo.

…

E como que se dá a violência contra a pessoa indígena? Você já ouviu falar de ameaças? Alguém já sofreu, já foi ameaçado nas aldeias? Ou você … estão vulneráveis a violência da cidade? Como é que é…

**XXXX:**

Bom, na questão da violência na cidade, a gente está vulnerável como qualquer outro ser humano. A questão é que os indígenas que são mesmo de dentro da aldeia, eles são mais vulneráveis ainda. Porque eles não andam em qualquer lugar da cidade. Se eles tiverem algum equipamento, celular, ou qualquer outra tecnologia, eles não vão pensar duas vezes em abrir ali no meio da rua, porque lá na aldeia não tem isso de se privar. Não é? Aqui sim. Então, os que vem mesmo realmente da aldeia, estão, como que se diz, que saem só de vez em quando, eles não sabem, eles não tem noção do perigo, da violência aqui. Só quem sabe é quem realmente, mas os estudantes que já vivenciam situações de violência. Na questão mais de violência, tem pessoas que não, assim como tem pessoas que são racistas, tem pessoas que não gostam do índio, do indígena, não é? Então, qualquer coisa incomoda. Tipo, é como se a gente não pudesse ficar naquele meio. É discriminação, não é? Discriminação. Eu acho que aqui a gente não está livre da violência não. Entendeu? Não está mesmo. Porque como eu disse, quando tu vem para cá, ninguém te diz que tu não pode andar com o celular no meio da rua. E lá na aldeia, tu anda normal. Entendeu? Eu acho que é falta mais de informação.

**LUCIANE:**  
Você vê diferença para, com relação a mulheres e homens indígenas na cidade? Diferenças de vulnerabilidade ou de empoderamento, mobilização? No grupo de vocês, por exemplo, tem homens também indígenas que participam ou são mais mulheres?

**XXXX:**

Tem. Não, são homens e mulheres, não é? Eu acredito, a mulher ela sofre, assim, às vezes, violência não é? Não só de vai sexual, assim, mas questões de palavras, não é? Tanto as indígenas quanto qualquer outra. Eu acredito que algumas sabem se defender e outras não. Tipo, quando alguém está …, tem muitas meninas que são muito bonitas, pessoas mal intencionadas que chegam para conversar e tal, mas com outras intenções. E como na aldeia não tem essa questão de, como é que eu posso dizer? Esse mau intencionamento lá dentro. A não ser mesmo que a pessoa tenha o interesse de casar com a indígena, elas acham normal. Não é? Nós, porque já somos articuladas, conhecemos as leis, então sabemos nos defender. Mas uma pessoa que não tem nenhum conhecimento da vivência aqui na cidade, ela está vulnerável. Mulheres, homens. Os homens também são enganados. POrque aqui tem muitas pessoas que, claro, como qualquer outra cidade, querem enganar os outros. E as mulheres, claro, tem várias que seduz, se for bonita, só que a gente sabe se defender, elas não. Entendeu?

**LUCIANE:**

Recentemente, agora, semana passada, semana retrasada. Teve uma polêmica, não sei se você viu na internet, de uma exposição que teve no Museu em São Paulo, onde tinha um homem nu e uma mãe levou uma criança para ver a exposição. Então era um homem nu, que o próprio objeto de arte era o corpo dele. Então, podia manipular e tal. Então foi alvo de muita crítica, e um dos argumentos a favor da exposição, foi dizer que existem outras comunidades que tem uma outra relação com o corpo e com a sexualidade. E aí usou o caso de algumas aldeias indígenas, onde as pessoas andam sem roupa e não tem, não é categorizado como pedófilia, assim como estava no museu. Como que você interpreta, avalia essa situação? Sexualidade e o corpo indígena?

**XXXX:**

Bom, essa é uma ótima pergunta, não é? Porque eu acredito assim: comparar uma cultura totalmente diferente. A criança já nasce e fica nu. Não é? O pai ali, então. Ele já cresce com inocência. Ele não vê o corpo do pai, da mãe como sexualidade. É como se fosse normal. Eu cresci daquela forma. Diferente de uma pessoa que já cresceu como branco, vive na cidade, sempre se vestiu desde de pequeno. Então ela cresce com outro conceito, entendeu? Eu acredito, assim, que são coisas totalmente diferentes: comparar a cultura indígena com a questão dessa apresentação que teve de branco. Então, quem poderia, quem tem que responder mesmo essa pergunta é os próprios brancos. Porque como eles são brancos, tem que verificar essa situação. Eu já nasci vestida, sempre tive, como posso dizer. Já cresço aquela vergonha. Ele não vai ficar nu na frente dos pais, nem o pai vai ficar na frente dos filhos, não é? Então, eu acredito que é uma questão de cultura mesmo. E, repercutiu bastante. Porque eu passei o tempo todo me vestindo, por exemplo, passei o tempo todo me vestindo, desde bebezinha, até adulto, aí eu faço uma peça onde as crianças podem me tocar, de repente eu mudo de cultura? Entendeu? É tipo como a gente que desde criança é nu, os pais, os filhos, e fosse vestir uma roupa social, entendeu? ia causar uma repercussão mesmo. Então, eu acredito que é uma questão dos artistas tomarem cuidado com o que eles fazem para não causar essas polêmicas. Porque ali, quem realmente sentiu foram os próprios brancos. Foram os próprios brancos que sentiram ali. Moralistas, não é? Eles que sentiram. Porque jamais, eu acredito assim que para eles jamais aconteceria uma forma dessas. Para nós indígenas, não. É normal a questão de andar nu, mas é desde o nascimento. Entendeu? Então acredito que seja isso.

**LUCIANE:**

É outra relação com o corpo.

**XXXX:**

É outra relação com o corpo.

**LUCIANE:**

E quando é, ou se é, sexualizado? Por exemplo, as adolescentes, sempre vai… A relação com o corpo muda? Em uma certa idade, ou não? Sempre vai ter…

**XXXX:**

Tem a questão da festa da menina Moça. Não é? Então, naquele período, que é quando vem a primeira menstruação dela, então ela já está se preparando para casar, não é, e depois construir a família dela. Então, até aquele momento ali é uma criança, como qualquer outra. Aí, a partir daquele momento que á se pensa dela ter um esposo, não é, e futuramente casar e ter os filhos deals. Tem umas que até, como é que diz, como é que eu posso falar…

**LUCIANE:**

… pretendida. Tem uma palavra. Esqueci também.

**XXXX:**

é. Já está prometida para outro. Para outra pessoa. Então, eu acredito que é isso. Mas,

**LUCIANE:**

Geralmente, as meninas costumam casar com que idade?

**XXXX:**

depois da festa da menina moça.

**LUCIANE:**

Então por volta de uns 13 já, 12.

**XXXX:**

13,12. Eu acho que tem até umas que esperam, mas é bem nova. Bem nova mesmo. Minha avó casou super cedo, bem cedo mesmo. Então é nova. Nessa idade aí.

**LUCIANE:**

Você já é casada, já tem filhos?

**XXXX:**

Não. Não..

**LUCIANE:**

E aí, como é que…

**XXXX:**

Só tenho namorado. Mas ainda não pretendo me casar. [risos] Porque, assim, eu acredito que assim, eu vim para a cidade para buscar algo para os parentes. Assim, buscar algo, buscar mais informação. Então, eu me foco nisso por enquanto, não é?

**LUCIANE:**

Que é diferente da Gilmara, por exemplo, não é? Que já tem 3 filhos…

**XXXX:**

É. É verdade. Eu me foquei mais nos estudos, não é, procurar informações a respeito, e… Quem sabe, não é? mas eu gosto dessa vida, questão de pesquisar as coisas, não é? Então, casar é para eu construir uma família. Então eu ainda não estou pensando nisso.

**LUCIANE:**

Ainda não. Não está nos planos. Calma. Sei. É, você vê… Como que você avalia a política indígena, se fosse comparar as políticas indígenas da época Lula e Dilma com agora a era Temer?

**XXXX:**

Olha, eu acho que são feitas muitas reuniões, e nada resolvido. Entendeu? Eu penso que teria que ser feito uma reforma, nas questões das leis. Porque continuam as mesmas leis, as mesmas políticas, mas continuam as mesmas brigas, não é? Por território, por… Mas aí, nada muda. Ainda continua a mesma coisa. O que eu acredito que precisa ser feito são projetos. Projetos e, com certeza, aprovados e implementados. um projeto, esse é um dos projetos que eu queria que fosse, até se eu pudesse, tipo, colocá-lo seria esse. O primeiro seria de acolhimento, um pólo de acolhimento nas faculdades aos indígenas. Porque acredito que teria muito mais indígenas formados, e que estariam atendendo os outros parentes dentro das aldeias. Porque tudo começa pela educação. Antes de qualquer outra aprovação, de qualquer lei, projeto e políticas. Não é? Então, teria que ser trabalhado isso. E uma também que… muita briga pelas terras, não é? Tomar as nossas terras, é outra briga. Só que para entrar nessas brigas tem que ser pessoas qualificadas. E, indígenas formados é a minoria, entendeu? Então, eu acredito que primeiro tem que ser feito esse acolhimento nas universidades para haver mais indígenas formados que possam lutar pelas terras e políticas públicas.

**LUCIANE:**

Qual organização indígena você conhece ou já ouviu falar aqui no Pará ou Maranhão?

Qual é uma… Bom, existem, não é, associações, ….

**XXXX:**

É, na época teve a Aiambi, não é, é uma Associação. Para estudantes indígenas aqui da cidade. Tem uma Associação também , esqueci agora o nome, lá da própria universidade, a UFPA, nãoé? uma própria Associação lá. E, deixa eu ver se tem mais alguma... Eu acredito que sejam essas duas, essas duas aqui próximas. Mas é escasso de diversas verbas financeiras. Porque, para você movimentar um projeto, movimentar qualquer alguma coisa, você precisa de recursos. E isso não tem. Então fica parado.

**LUCIANE:**

Qual impacto você acha que vai ter para as aldeias essa questão da ferrovia que vai passar ...?

**XXXX:**

É, eu acho que tudo que abre espaço para entrar uma industrialização, futuramente vai ser tomado. Não é? Então, pode ser alguma coisa elétrica, pode ser uma ferrovia, pode ser o que for. Como deu espaço, entrou, eu acredito que futuramente vão ampliar ainda mais. Como eu disse, a gente não é dono da nossa terra. Quem é dono da nossa terra é a união, o Governo. Falar para sair, sai. entendeu? Então, acredito que a gente está seguindo para um futuro de escassez. Entendeu? Porque, como fala, muitas empresas, eles pegam e fazem, tiram todas as árvores, depois plantam umas lá que nunca vai ser a mesma coisa...

**LUCIANE:**

Extrativismo.

**XXXX:**

É. Porque acabou, acabou com a questão do clima, de tudo. Nunca vai ser mais a mesma coisa, não é? Só quem não conhece que acredita que uma empresa faz. Devasta um pedaço de terra, e planta ali alguma coisa, que vai ser a mesma coisa. Não vai ser, não vai ser. Os animais vão embora. aí, depois os animais estão dentro da cidade, ah, porque os animais estão invadindo as cidades. Não. Vocês estão invadindo, vocês que estão invadindo a natureza. Não é? A cidade está invadindo a natureza. Eu acho que é isso.

**LUCIANE:**

Sempre, na história do Brasil teve esse debate sobre negros e indígenas como empecilho para o desenvolvimento do país, não é? E agora, está… Os negros porque eram descendentes de escravos, escravizados, não é, e os indígenas como os bobões, não é, essa visão. O que a gente pode falar que é um racismo, não é, contra essas populações. Você vê ainda essa continuidade? Reprodução disso com essas políticas de avanço tecnológico? A relação com os indígenas você acha que ainda é a mesma? Olhá-los como impedimento ao desenvolvimento?

**XXXX:**

Bom, quantos os indígenas e os negros não é, a sociedade, ela mesmo que transforma a gente nisso que as outras pessoas veem. Não é? Porque, é igual quando a gente fala: se tu falares várias vezes que o rosa é preto, um dia ele vai ser preto. Então, a sociedade qe transforma. Como é passado para as pessoas o que nós somos, de maneira errada, as pessoas nos veem dessa maneira. Então, eu acredito que seja na questão de informação que é passada errada, televisão, internet. Então, muitas pessoas, assim como os indígenas, assim como os negros, não que eles sejam vítimas, mas por tantos preconceitos, por tantas situações que passaram, às vezes ficam no seu local, lugar quieto. Outros, não. Vão para a luta. Estão nos movimentos, procuram lutar. Outros não. Aceitam o que a sociedade deduziu que você fosse, não é? Então, eu acredito que o que tem que ser feito, é a gente nunca aceitar o que as pessoas deduzem para a gente. Que você pode, que você vai além, porque todos nós somos iguais, temos os mesmos, é, questões de objetivos. Que é ter, claro, uma vida digna, lutar pelos nossos objetivos e ser feliz. Então, assim como o indígena, assim como o negro, a questão dele é procurar se juntar nos movimentos, e procurar lutar pelos seus direitos. Principalmente a educação.Não é? Para tirar aquela visão de que, que ele, tipo, ah, porque só tem privilégios o branco. Não. Você que tem que ser o privilegiado. Entendeu? Porque eu acredito que no nosso planeta, na nossa terra, há energias. Há energias. Então, vocÊ tem que atrair boas energias. Se eu disser assim “ah, sou um derrotado”. Você vais ser aquilo. Mas seu eu disser “não, eu vou lutar. Eu vou conseguir”. Você vai conseguir, entendeu? Então, como qualquer outra pessoa você tem que lutar. E, e você com certeza vai ser espelho para outras pessoas para lutar. Mesmo que seja isso. O indígena ele já não é o mesmo de antes, e nem o negro é o mesmo de antes. Porque Estão buscando conhecimento, buscando na lei. E como a nossa lei têm muitos, como é que eu posso dizer. Tem muitas brechas. Não é? Então,a gente tem que aproveitar essas brechas para lutar pelos nossos direitos, não é? Lutar pelos nossos direitos e, principalmente, pela educação. Não é? Porque através da educação muitos vão… vai mudar na verdade a nossa história.

**LUCIANE:**

Você vê, dentro dos movimentos, da luta política, negros e indígenas caminhando juntos? ou você vê pontos de decisão de desentendimento? Como você vê essa luta?

**XXXX:**

Eu acredito que caminham juntos, porque os preconceitos são bem parecidos, não é? São bem parecidos. Tipo, na questão das formas de comportamentos, vestimentas. Tipo, como posso falar, na questão até mesmo da educação mesmo. É, então eu acredito que é bem parecido, bem parecido as lutas. E a gente sempre procura se unir, não é? nessa questão de, como eu posso falar, de estar andando juntos. Sim. Porque eu acredito que a gente tem que sentir a dor do outro para poder entender a nossa. Entendeu?

Está bom, acho que era isso. Mais alguma coisa que você queira falar sobre racismo, preconceito?

**XXXX:**

Não, eu só queria agradecer de estar participando dessa sua pesquisa, Luciane. E que estou muito feliz, não é. Que um dia possa ser realizado os nossos sonhos, não é, desses projetos, dessa luta, venha virar realidade. Eu Acredito que seja isso.

**LUCIANE:**

Está certo. obrigada XXXX.

**XXXX:**

Espero que eu tenha contribuído.

**LUCIANE:**

Sim, com certeza.